

AS VOZES SOCIAIS NO CONTO “A BELA E A FERA”

Aline Caldas Cunha¹
Marigia Viana²

O caráter interativo da linguagem é a base do arcabouço teórico bakhtiniano. A linguagem é compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica, concebida não só como um sistema abstrato, mas também como uma criação coletiva, integrante de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”. As idéias de Bakhtin sobre o homem e a vida são caracterizadas pelo princípio dialógico que constitui o permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, uma comunidade, uma cultura.

O dialogismo, no espaço do texto, decorre da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário, e só pode ser entendido pelo deslocamento do conceito de sujeito, que perde o papel de centro sendo substituído por diferentes vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico. “Eu só pode se realizar no discurso, apoiando-se em nós” (BAKHTIN, in TODOROV, 1981, p. 68)

As idéias que marcam a obra de Bakhtin, desde a década de 20, já apontam para as relações existentes entre o enunciado e a enunciação e para o fato de que a enunciação faz parte do processo de significação desencadeado pelo enunciado. Nessa perspectiva, o discurso, aquele que se movimenta entre outros discursos passados e presentes, faz-se ouvir através de inúmeras vozes, numa atitude dialógica, a fim de que os vários sentidos, distribuídos entre essas vozes, possam emergir.

A literatura é considerada por Bakhtin um tipo especial de linguagem, e é através do literário que o conceito de vozes, aspecto central de suas reflexões, é apreendido e instituído como princípio arquitetônico da prosa romanesca. Na opinião de Reyes (1984, p.139), “Polifonia, no sentido empregado por Bakhtin quer dizer, com efeito, poliperspectiva, multiplicidade de pontos de vista”; assim para esta autora a emissão de várias vozes independentes e contrárias entre si preserva a multiplicidade de pontos de vista e de visões acerca de uma mesma existência, um mesmo mundo, um mesmo evento, tudo resultando na construção de uma representação mais fiel do mundo, relativamente à concreta existência humana.

Partindo do princípio de que o texto literário é plurissignificativo, faremos uma análise das passagens principais do conto A Bela e a Fera, baseado no resumo da narrativa de Madame Leprince de Beaumont, editado em 1757, buscando identificar as vozes sociais presentes. Em nenhum momento pretendemos que a presente leitura seja vista como a única possível, mas como apenas uma das possibilidades. “O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior (...) Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (BAKHTIN, 1992:123).

¹ UFPE

² UFPE/UNICAP

Os contos fadas atravessaram os séculos se perpetuando na imaginação de crianças e adultos, pois eles nos falam de uma realidade individual e coletiva que faz parte da nossa vida cotidiana, como uma das formas do existir humano. A Bela e a Fera é uma antiga e clássica história francesa contada em diversas culturas e de todos os modos possíveis, e fala sobre uma moça que, para salvar a vida do seu pai, é presa num castelo mágico por um animal assustador, que se revela enfim amistoso e amável, prega a tolerância para com o diferente, e a necessidade de se olhar além da superfície. Mas essa é a lição aparente...

As vozes por trás da história

Voz da Simbologia:

Na narração do conto, o mercador tem três filhos, embora pouco participem do história, e três filhas muito bonitas, das quais a caçula é a mais bela, e de quem as irmãs sentem ciúmes. Bela é encantadora, modesta e meiga com todos, o oposto de suas irmãs.

A repetição dos números 3 e 7 nas histórias narrativas é notória, segundo Coelho (1997:160), e estão ligados a simbologia esotérica dos números que tanta influencia tem nas Religiões e Filosofias antigas.

O pai perde todo o dinheiro, a família fica reduzida a uma vida medíocre, e certo dia quando resolve viajar pergunta as filhas o que elas desejam que ele traga na volta. Bela pede apenas uma rosa, depois de muita insistência do pai. Ele se perde na floresta, chega a um palácio onde encontra abrigo e comida. Ao partir, na manhã seguinte, colhe lindas rosas para Bela.

Bettelheim (1999) comenta que não só pelo o pedido da rosa (que quando arrancada simboliza que Bela passaria por uma experiência “feroz”, e que no desenrolar do enredo se revela numa experiência humana e amorosa), mas também por todos os detalhes e pela forma que ela trata o pai, isso sugere a ligação edípica do enfoque freudiano.

Voz da vigilância e do cuidado:

Surge, então, uma Fera assustadora que o recrimina pelo roubo das rosas e o condena à morte. O pai pede perdão, explica que colhera rosas para sua filha, e é liberado pela Fera com a condição de que uma de suas filhas deverá tomar o seu lugar e o destino.

Ao ser enfatizado, no primeiro momento, o comportamento errôneo do pai de Bela ao retirar as rosas do jardim sem permissão e, no segundo momento, o reconhecimento de seu erro através do pedido de perdão, fica explícito o discurso que prepara os indivíduos para agirem eticamente na sociedade.

Voz dos valores humanistas:

“O pai pede perdão, explica que colhera rosas para sua filha, e é liberado pela Fera com a condição de que uma de suas filhas deverá tomar o seu lugar e o destino”.

“A separação entre a Bela e a Fera ocorre quando ela vai visitar seu pai, que está doente. A Fera dá a Bela um prazo de uma semana para isso, pede que prometa que não irá abandoná-lo e adverte que se ela não voltar, ele morrerá”

Nessas duas passagens, a Fera impõe condições, os personagens (o pai e a Bela) dão sua palavra e a cumprem. “A valorização da palavra dada em hipótese nenhuma poderá ser quebrada” Coelho (1997:161).

Ao ser entregue à Fera, Bela inicia a busca pela alteridade; reconhecendo-se no Outro e amando-o, faz com que ocorra a redenção. Conforme Franz (1990), a redenção refere-se a uma condição em que alguém foi amaldiçoado ou enfeitado e é redimido através de certos acontecimentos ou eventos da história.

Bela terá a missão de desvelar o que existe no interior da Fera para modificar sua percepção sobre o monstro; é na sua relação com a Fera, que ela adquirirá a consciência de si própria. De acordo com Bakhtin, é na relação da alteridade que o homem se torna sujeito, no confronto do TU ele se torna EU. Neste sentido, o processo de comunicação não se limita somente a troca de mensagens entre os falantes, mas parece se basear também nesta relação em que o homem se constitui enquanto sujeito pelo reconhecimento do outro.

No castelo, Bela tem seus desejos satisfeitos como por encanto. Segundo Bettelheim (1999: 346) “são raras as crianças que nunca desejaram uma existência em que nada lhes é solicitado e em que todos os seus desejos são realizados assim que os exprimem”. Contudo, chega um momento em que isso torna a vida vazia e monótona, tanto que Bela passa a aguardar as visitas noturnas da Fera, a quem ela temia de início. A ambigüidade da Fera, ora se mostrando agressivo, ora revelando delicadeza e bondade ao se dirigir a Bela contribui para compreender a polifonia que emerge desse personagem, na tessitura do conto.

A convivência conciliadora entre o antagonismo da beleza versus a bestialidade da Fera representa o desligamento da beleza do corpo para erguer a beleza da alma, até atingir a Beleza em si, que é parte do Eterno. “A essência da história não é exatamente o desabrochar do amor de Bela por Fera, nem a transferência do seu amor pelo pai, para a Fera, mas seu próprio crescimento durante o processo” (Bettelheim, 1999: 347)

Voz da Moralidade:

É por amor ao pai que Bela se une à Fera. Como seu amor amadurece, modifica-se seu objeto principal. Este conto promove a reflexão sobre o entrosamento do nosso lado positivo, consciente e "belo" com o nosso lado negativo, inconsciente e “fera” proporcionando um desenvolvimento rico e criativo à nossa personalidade. Com Bela aprendemos a perceber que apesar de sua terrível aparência, a Fera não era tão ameaçadora como parecia. Aprendemos a amar a Fera quando, como Bela, passamos a ver a verdadeira natureza da Fera não com os olhos, mas com o coração. Aprender a ver com o coração, e não com os olhos...é algo para se pensar...

Para Perroni (1992:228) “... as ‘estórias’ abrem para a criança a possibilidade de construir outros universos de referência, aos quais só se tem acesso através da linguagem”, eu ousaria acrescentar que para os adultos esse convite à construção também é feito a cada leitura de um conto, uma história...afinal eles encantam, divertem e contribuem para que sejamos cada vez mais humanos...basta que desvendemos suas simbologias...

“Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações”?

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BRAIT, BETH. “As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 13. ed. Trad. Arlene Caetars. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria-Análise-didática**. 6. ed. São Paulo, Ática, 1997.
- FRANZ, Marie-Louise Von. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. Trad. Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. Revisão Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus. 1990. (Coleção Amor e Psique).
- PERRONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- REYES, Graciela. **Polifonia Textual. La Citacion em el Relato Literário**. Madrid: Editorial Gredos, 1984.
- TODOROV, Tzvetan. **Mikhail Bakhtine Le Principe Dialogique**. Paris: Seuil, 1981.